

PARAZÃO FEMININO E COBERTURA ESPORTIVA: CONTEXTOS E TENSIONAMENTOS DE UMA MODALIDADE (IN)VISÍVEL¹

WOMEN'S PARAZÃO AND SPORTS COVERAGE: CONTEXTS AND TENSIONS OF AN (IN)VISIBLE SPORT

MILENE COSTA DE SOUSA²

OTACÍLIO AMARAL FILHO³

RESUMO

O artigo discute a inserção do Campeonato Paraense de Futebol Feminino na cobertura esportiva, sob o propósito de evidenciar a (in)visibilidade do futebol feminino na imprensa, contextualizando e identificando as tensões existentes no tratamento dessa modalidade pelo jornalismo. Qual o contexto do futebol paraense é apresentado pelo jornalismo esportivo? Diante deste questionamento, utilizamos a metodologia de análise de conteúdo que parte dos estudos teóricos da comunicação, cidadania e esporte. A pesquisa constrói a empiria em notícias e matérias jornalísticas produzidas pelo portal Globo Esporte Pará e portal O Liberal entre agosto e dezembro de 2022, e pelo jornal impresso Diário do Pará em 1984, referentes ao Parazão Feminino. Pensamos como hipótese, para entender estas relações, o baixo investimento das federações e dos clubes de um lado e de outro a invisibilização tácita da imprensa hegemônica no que tange a cobertura esportiva.

Palavras-chave: Comunicação; Futebol Feminino Paraense; Cidadania

ABSTRACT

This article discusses the inclusion of the Pará Women's Football Championship in sports coverage, with the purpose of highlighting the (in)visibility of women's football in the press, contextualizing and identifying the tensions that exist in the treatment of this sport by journalism. What is the context of Pará football presented by sports journalism? In view of this question, we used the content analysis methodology that is based on theoretical studies of communication, citizenship and sport. The research builds empirical evidence on news and journalistic articles produced by the Globo Esporte Pará portal and the O Liberal portal between August and December 2022, and by the printed newspaper Diário do Pará in 1984, referring to the Parazão Feminino. We consider as a hypothesis, to understand these relationships, the low investment of federations and clubs on one side and, on the other, the tacit invisibility of the hegemonic press regarding sports coverage.

Keywords: Communication; Pará Women's Football; Citizenship

1 Este trabalho já foi apresentado inicialmente como artigo e está publicado em anais de evento. Para esta revista o artigo foi revisado e atualizado.

2 Doutoranda e mestra em Ciências da Comunicação (PPGCOM/UFPA). Possui graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Integrante do projeto Cidadania Comunicativa: desafios, lutas e direitos compartilhados na Amazônia. Email: milenecostadesousa@gmail.com.

3 Doutor em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos - NAEA (UFPA). Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia. Possui graduação em Publicidade e Propaganda e em Jornalismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM/UFPA) e da Faculdade de Comunicação (Facom/UFPA). Email: otacilio@ufpa.br

Introdução

Este trabalho é voltado ao contexto do futebol na Amazônia paraense, discutindo a inserção do Campeonato de Futebol Feminino Paraense (Parazão Feminino) na cobertura esportiva estabelecida pela comunicação hegemônica. O objetivo é evidenciar a (in)visibilidade do futebol feminino na imprensa esportiva, identificando as tensões existentes no tratamento dessa modalidade. Desse modo, questionamos: qual o contexto do futebol feminino paraense é apresentado pelo jornalismo?

A escolha pelo Parazão Feminino para o desenvolvimento da pesquisa justifica-se pelo entrelace do futebol feminino no Pará com o amadorismo, limitando o acesso a direitos sociais às mulheres jogadoras, como salários, contratos empregatícios, baixo investimento por parte de clubes, federações e da imprensa no que tange a divulgação midiática.

Partindo de uma metodologia que busca contribuir com os estudos teóricos no campo da Comunicação, Cidadania e Esporte, a pesquisa constrói a empiria em notícias produzidas pela cobertura esportiva desenvolvida pelo jornal impresso Diário do Pará em 1984 e pelos portais esportivos Globo Esporte Pará (GE Pará)⁴ e O Liberal⁵ em 2022.

Enfatizamos que pensar o futebol feminino no Pará a partir da cobertura esportiva traçada pela comunicação hegemônica é considerar apenas um recorte da história e de um contexto sendo apresentados pelo jornalismo, em muitos casos de forma imparcial e de acordo com interesses econômicos e sociais.

A primeira parte do artigo discute a inserção do futebol feminino na cobertura esportiva e o tratamento dado à modalidade pelo jornalismo. A segunda parte traz reflexões sobre a dinâmica cultural, econômica e financeira no futebol, tratando da relação entre futebol e comunicação, sua influência cultural, sua possibilidade de rendimento e o campo de possibilidades para investimentos econômicos e financeiros voltados ao futebol feminino. Por fim, a terceira parte discute a prática do futebol feminino na Amazônia paraense apresentada pela cobertura esportiva.

Futebol de mulheres na cobertura esportiva

A inserção do futebol feminino no jornalismo ocorre lentamente, não só pela dificuldade de ser um assunto pautado em jornais, portais e programas de rádio e televisão, como também pelas narrativas sexistas, homofóbicas e misóginas que o jornalismo constantemente produziu, fomentando as desigualdades de gênero.

Segundo Silvana Goellner (2005), no início do século XX a beleza das mulheres era sinônimo de saúde para reprodução, entretanto, a partir dos anos de 1970 a erotização dos corpos foi incorporada em discursos referente às mulheres. Se antes o jornalismo desprezava a participação das mulheres no esporte durante o período em que o decreto-lei N° 3.199⁶ vigorava no

4 Disponível em: <<https://ge.globo.com/pa/>>. Acesso em: 19/02/2024

5 Disponível em: <<https://www.oliberal.com/esportes>>. Acesso em: 19/02/2024

6 Decreto instituído pelo governo brasileiro em 1941, proibindo as mulheres de praticarem esportes envolvendo lutas, futebol, futsal, beisebol, polo aquático, entre outros considerados inadequados aos corpos das mulheres.

país, após o fim deste decreto os corpos femininos foram constantemente sexualizados pela imprensa, demonstrando assim como o machismo se flexibiliza para se impor.

Atualmente o futebol feminino vem ganhando maior destaque com campeonatos⁷ estaduais, nacionais e internacionais, e se tornando um assunto mais discutido pela imprensa, torcidas e estudiosos em diversos campos do saber. Discussões são originadas acerca do papel social da mulher no futebol e dos preconceitos que ainda predominam no esporte e na comunicação que, enquanto espaço significativo para a consolidação do esporte, é um campo onde as desigualdades de gênero são notórias (Goellner, 2014).

Ao abordar as relações entre esportes e os meios de comunicação, José Carlos Marques (2020) traz uma visão mais profunda a respeito da relação entre futebol e mídia:

Em virtude da capilaridade que o futebol possui no Brasil (transita por todas as classes sociais e faixas etárias, chegando nas últimas décadas a ser objeto de interesse não só do público masculino), essa modalidade esportiva ganhou uma hegemonia midiática que a faz ser causadora do que se convencionou chamar de monocultura esportiva da imprensa brasileira (Marques, 2020, p.420).

A monocultura do futebol, citada por Marques em referência ao fácil acesso do futebol e à hegemonia midiática, abre margem para pensar como essa monocultura abrange outra monocultura, neste caso, relacionada à hegemonia do futebol masculino na cobertura esportiva, mesmo com o público esportivo não sendo composto somente por homens.

Para Gastaldo (2005, p.2) “hoje é inconcebível pensar o universo do esporte-espetáculo sem a sua apropriação midiática”. Similarmente, Christofolletti (2007, p.52) diz que “a midiaticização do futebol transforma todas as interações dessa instituição social com as demais e não é mais possível perceber o futebol funcionando fora da lógica midiática”. Logo, se faz urgente pensar como o futebol feminino é retratado pelas narrativas midiáticas e jornalísticas.

Desse modo, as narrativas das mídias e jornalísticas em particular nos leva à indagação acerca da representação e ao conhecimento das instâncias enunciativas, além de serem fundamentais na compreensão dos modos de configurar, no jornalismo, as relações de poder. Se as narrativas são representações sociais que indicam os nossos modos de ver o mundo (Appadurai, 2003), é também através delas que podemos compreender a inscrição dos sujeitos neste mesmo mundo que vemos (Resende, 2009, p.41). Segundo Fernando Resende (2009), as narrativas jornalísticas são lidas e compreendidas como histórias geradoras de outras histórias, que não se encerram, geram significado, produzindo sentido e formando outras possíveis compreensões do cotidiano.

Sob essa perspectiva, por um lado a ausência/escassez de narrativas jornalísticas em relação ao futebol feminino compromete os registros históricos da categoria e seu desenvolvimento, interferindo na socialização das pessoas com essa modalidade esportiva que para muitas pessoas ainda é desconhecida. Por outro lado, reforça a investigação acerca da forma como a mídia apresenta o futebol feminino a partir de suas narrativas.

7 O Brasil conta com o Campeonato Brasileiro Série A1, A2, A3, e o Campeonato Brasileiro Sub-18 e Sub-16. Anteriormente, houve a Taça-Brasil (1987-2007), Copa do Brasil (2007-2016) e Campeonato Brasileiro (2013-2016). A Taça Brasil teve pouca organização, estrutura, investimentos e registros (Morais, 2021, p.3).

Na narrativa jornalística, a forma autoritária de narrar histórias se mantém e, de certa forma, com mais agravantes por apresentar-se velada. Envolto no real e na verdade como referentes, trazendo a imparcialidade e a objetividade como elementos que operam sentidos, o discurso jornalístico tradicional — o que encontra legitimidade epistemológica — coloca à disposição do jornalista escassos recursos com os quais narrar os fatos do cotidiano (Resende, 2009).

O esporte possui um público a ser contemplado com produções jornalísticas, acima de tudo inclusivas a fim de suscitar o interesse pelo futebol feminino. Este processo de midiaticização é parte da ruptura provocada pela resistência das mulheres ao patriarcado próprio da cultura colonialista. Produções midiáticas que são direcionadas prioritariamente ao público que contempla somente o futebol masculino fortalece as desigualdades de gêneros e a hegemonia da masculinidade no futebol.

Investimento ou gastos? Reflexões sobre a dinâmica cultural, econômica e financeira no futebol

Conforme Rousiley Maia (2008, p.54), “a mídia pode contribuir de modo importante para que indivíduos e coletividades produzam diferenças cognitivas dentro e entre os grupos sociais”, colaborando para a proliferação de identidades e maior dinamismo cultural. A identidade coletiva exige um certo nível de percepção consciente, reflexão e articulação pelos membros de um grupo, implica “algum sentimento emocional positivo ou negativo em relação às características que os membros do grupo percebem compartilhando entre si e, assim, se diferenciando de outros grupos” (Maia, 2008, p.54). É essa formação de identidade coletiva que angariou a crescente participação e paixão popular pelo futebol, assim como o desprezo e aversão ao esporte sob a justificativa do futebol possuir um ambiente violento, com brigas entre torcidas, racismo, homofobia, sexismo.

O futebol atinge pessoas de todas as idades, classes, raças e gêneros, mas não de modo igualitário, haja vista as violências recorrentes no ambiente esportivo. Logo, o futebol é também um espaço no qual os/as oprimido/as se manifestam e se expressam contrários/as às opressões e desigualdades sociais na sociedade.

Trazendo essa reflexão para a questão de gênero, observa-se que culturalmente o futebol é marcado pela masculinidade, resultando o desprezo e desvalorização do futebol feminino. No entanto, a modalidade torna-se o foco de sujeitas/os envolvidos/as com o esporte que constroem e dão continuidade ao futebol em geral sob a perceptiva de que as mulheres, assim como os homens, podem participar do futebol e não serem desmerecidas. Para isso, o dinamismo cultural, mencionado por Maia (2008), se faz necessário na sociedade brasileira que culturalmente possui um futebol como um de seus pilares, porém ainda enraizado em costumes e valores masculinos (Moraes, 2023).

Entrar no território de domínio masculino se constitui um desafio tanto na prática do esporte como da comunicação esportiva em que as mulheres eram/são discriminadas e tratadas com desigualdade sob a argumentação de que mulher não entende de futebol. Muitas narrativas jornalísticas de cunho sexista e misógino reforçam padrões normativos patriarcais e machistas e

instigam a reflexão e incômodos de mulheres jogadoras que ainda não se sentem contempladas pela comunicação esportiva.

A grande audiência televisiva e de espectadores em estádios alcançada pelo futebol feminino durante a Copa do Mundo Feminina 2019 mostra que "o futebol de mulheres é promissor desde que estruturado e profissionalizado" (Goellner, 2020, p.22). A pesquisadora Carolina Moraes (2023) destaca que a Copa do Mundo de Futebol Feminino 2023, realizada na Austrália "não só estabeleceu novos marcos em termos de audiência global e transmissões, tanto digitais quanto tradicionais" (Moraes, 2023, p.133).

A janela possível para o futebol feminino se constitui um enfrentamento não apenas midiático, mas a perspectiva de o esporte dar certo como negócio na esfera capitalista de possibilidades da economia globalizada. Chegar aos clubes a experiência de que se teria público para o futebol praticado pelas mulheres, alimentando a ideia de que o investimento na formação e manutenção de times femininos, é o básico para a categoria pois o futebol não sobrevive apenas pela formação de times, mas também pelos investimentos na área da comunicação, com marketing e publicidade.

Segundo Ferraz (2011), o futebol é um espetáculo retroalimentado pela comunicação, deixando de ser dominado somente pela paixão. O autor enfatiza que no Brasil os clubes de futebol são influenciadores sociais e culturais, tendo os meios de comunicação como financiadores do futebol por meio de patrocínios, direitos de transmissão, inserções publicitárias etc. Entretanto, o processo de incentivos que envolve os incentivos econômicos e financeiros pontuados por Ferraz é seletivo, já que o olhar direcionado ao futebol feminino é o de que a categoria é um gasto e não um investimento.

Em parte, as concepções trazidas por Ferraz (2011) auxiliam a compreensão da necessidade do papel dos meios de comunicação para o desenvolvimento do futebol feminino. A espetacularização e capitalização do futebol feminino ainda é baixa, e a modalidade ainda não goza de grande consumo. Para muitos, o futebol feminino é algo recente, novo pois entre os anos de 2016 e 2019 o futebol brasileiro viu-se diante da obrigatoriedade da formação de times femininos. Assim, houve um crescimento da divulgação midiática direcionada ao futebol feminino e maior aparição de jornalistas mulheres na cobertura e transmissão dos jogos, o que pode contribuir para que a cobertura esportiva voltada às mulheres jogadoras seja mais densa e contribua para o desenvolvimento da modalidade.

Futebol feminino na Amazônia paraense: um campo de cobertura midiática e pesquisa

Para conhecer a fundo a história do futebol feminino na Amazônia paraense, que começou a se desenvolver desde o início do século XX (Magalhães, 2010), as principais fontes são as pesquisas científicas que trazem um panorama sociocultural e histórico da modalidade e do desenvolvimento do esporte no Pará, e as produções jornalísticas com a cobertura esportiva, mesmo que escassa, acerca da participação das mulheres, organização e realização de torneios. Cada recorte da história da modalidade apresentado pelo jornalismo é importante para a somatória de conhecimento acerca do futebol feminino e seu desenvolvimento.

De cunho qualitativo, esta pesquisa adota a metodologia de análise de conteúdo seguindo as etapas da pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação, de acordo com Laurence Bardín (1977).

O material empírico foi construído a partir da busca por notícias publicadas no jornal impresso Diário do Pará durante o ano de 1984, por meio do site Hemeroteca Digital⁸. A priori, o período pesquisado foi 1983, ano no qual foi realizado o primeiro Parazão Feminino oficial, entretanto nenhum registro foi encontrado. O Diário do Pará foi o jornal que mais apresentou resultados, totalizando 113 páginas com informações referentes à modalidade. O termo utilizado para a busca no site Hemeroteca foi "Futebol feminino".

Utilizando o mesmo termo em caixas de busca e a palavras-chave "parazão feminino 2022" disponibilizada em matérias, a busca por notícias ocorreu nos portais O Liberal⁹ e Globo Esporte Pará¹⁰ (GE Pará) entre os meses de agosto a dezembro de 2022, considerando o período de preparo e finalização do Parazão Feminino 2022. Estes portais foram selecionados¹¹ para a pesquisa sob a justificativa de ambos terem sido os que mais produziram matérias sobre a competição estadual, somando 72 matérias, sendo 25 do GE Pará e 47 do O Liberal.

Partindo da leitura e análise da cobertura esportiva, foi observado quais informações a comunicação hegemônica produziu sobre o futebol feminino, refletindo acerca do conteúdo e das possibilidades de temáticas que podem ser abordadas pela cobertura esportiva e os resultados que poderão ser alcançados pelo jornalismo.

Toda cobertura produzida em 1984 e em 2022 foi pesquisada e analisada para nutrir a discussão da pesquisa sem a pretensão de fazer um comparativo entre os periódicos. O artigo apresenta uma discussão sobre determinados períodos e contextos, e não acerca do futebol feminino paraense como um todo que, reiterando, não iniciou a partir da oficialização do campeonato estadual em 1983.

RexPa em pauta: uma cobertura esportiva seletiva

O futebol feminino no Pará sempre teve um baixo número de matérias produzidas pela cobertura esportiva, ocasionando a dificuldade em encontrar as produções jornalísticas focadas na modalidade.

Com o auxílio da internet, o encontro de notícias pode ser facilitado pelo uso de palavras-chave como "futebol feminino"; inseridas no final das matérias esportivas, como fez o site O Liberal. Os portais pesquisados disponibilizam espaços exclusivos para agrupar matérias de cada clube, facilitando o acesso seletivo às notícias. Somente os clubes que integram a categoria principal do Campeonato Paraense masculino são contemplados com tais espaços.

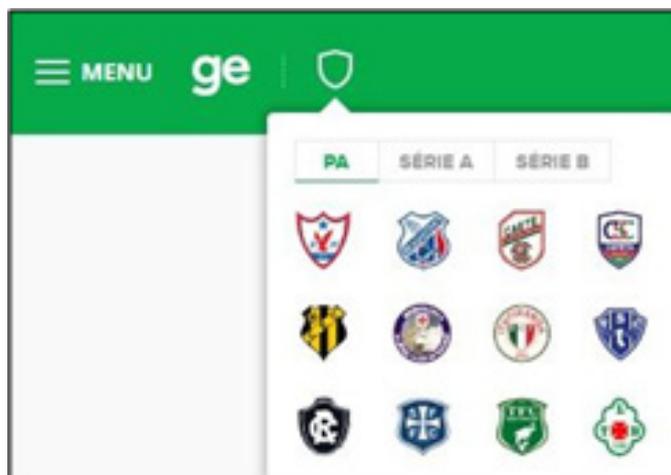
8 Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

9 Disponível em: <https://www.oliberal.com/esportes>. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

10 Disponível em: <https://ge.globo.com/pa/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

11 Os demais sites pesquisados foram Diário Online e Roma News, que produziram 13 e 0 matérias respectivamente.

Imagem 1: Site Globo Esporte Pará com abas específicas apenas aos times participantes da série principal do campeonato paraense de futebol masculino.



Fonte: Site Globo Esporte Pará, 2022.

Esmac (Madre Celeste) e Castelo dos Sonhos participaram do Parazão Feminino em 2022, mas não tinham equipes masculinas na série principal do campeonato paraense realizado no mesmo ano. Logo, as duas equipes não possuíam espaços exclusivos no GE Pará, e o mesmo ocorreu no site O Liberal que apresentou espaços somente para Remo e Paysandu. Tal organização não impossibilitou a produção de matérias referentes à Esmac, Castelo dos Sonhos e às demais equipes¹² do Parazão Feminino em 2022. No entanto, é preciso considerar que há desvantagem e desfavorecimento no que tange o acesso às notícias referentes a outras equipes.

Imagem 2: Espaços disponíveis para agrupar notícias no site O Liberal Esportes



Fonte: Site O Liberal Esportes, 2022.

No Diário do Pará, a maioria das notícias foram incluídas na área 'Esporte'¹³. Acima de algumas notas, o jornal inseriu 'Futebol feminino' destacando informação sobre a modalidade. O futebol feminino foi mencionado em colunas esportivas, como a coluna assinada por Sérgio Noronha, além de capas do jornal e espaços destinados às notícias sobre esportes amadores.

A cobertura esportiva desenvolvida pelo Diário do Pará girou em torno do campeonato estadual e do jogo entre a Seleção Paraense¹⁴ versus Radar¹⁵ (RJ). A seleção paraense venceu o time carioca em um jogo realizado em Belém no dia 10 de junho de 1984. A vitória paraense foi bastante mencionada, comentada e comemorada. O jogo, desde seu preparo, organização e realização, além de detalhes referentes ao convite feito ao Radar para visitar Belém e todo o suporte dado pela Tuna Luso Brasileira ao clube carioca foi pontuado pelo jornal.

12 Parazão Feminino 2022 contou com 12 times: Águia de Marabá, Cabanos, Castelo dos Sonhos, Esmac, Itupiranga, Paysandu, Pinheirense, Remo, Terra Alta, Tiradentes, União Paraense e Vila Rica.

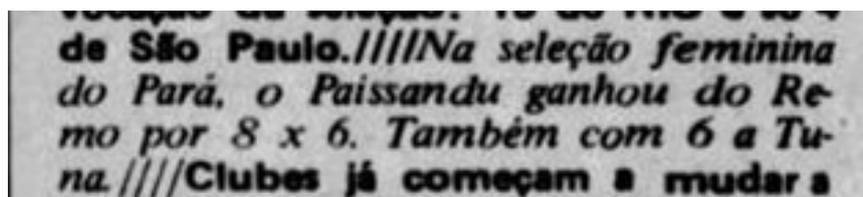
13 Atualmente, o Diário do Pará possui o caderno "Bola" com notícias esportivas.

14 Formada por 8 jogadoras do Paysandu, 6 do Remo e 5 da Tuna.

15 Time fundado em 1981 no Rio de Janeiro, era um dos times de maior referência no futebol feminino brasileiro.

Com Remo e Paysandu sendo detentores do maior número¹⁶ de torcidas na região Norte do Brasil e formadores da grande rivalidade RExPA, os demais clubes paraenses muitas vezes tornam-se coadjuvantes em meio a cobertura esportiva. O número de jogadoras do Paysandu sendo superior ao número de atletas do Remo que integraram a seleção paraense foi um detalhe mencionado pelo Diário do Pará, exemplificando que a possibilidade de explorar a rivalidade não passou despercebida.

Imagem 3: Sérgio Noronha destaca o maior número de atletas do Paysandu na seleção paraense.



Fonte: Diário do Pará

A forma como os times tornam-se protagonistas e coadjuvantes no jornalismo podem ser percebidos nos títulos das matérias publicadas pelos portais esportivos. O Parazão Feminino 2022 contou com 12 equipes, porém a cobertura destacou prioritariamente o preparo e o desempenho do Paysandu, Remo e Esmac.

A única matéria em que a vitória de outra equipe além de Remo, Paysandu e Esmac apareceu em destaque foi a "Parazão Feminino: Remo vence União Paraense por 7 a 0 e o Pinheirense faz 14 a 0 no Vila Rica"¹⁷. No entanto, percebe-se que o título da matéria anuncia a vitória do Pinheirense após anunciar uma vitória do Remo. A maioria das equipes foram citadas nos subtítulos e nos textos das matérias com um conteúdo básico, informativo relacionado a datas de jogos, resultados e classificação.

Bastidores movimentados e (in)visibilizados

O Parazão Feminino possui uma constância de jogos adiados, em alguns casos, sob a justificativa da preservação de gramados para a realização de jogos e treinos de campeonatos masculinos. Desde seu início o Parazão Feminino não possui um número fixo de equipes, a quantidade varia de acordo com a inscrição e desistência de times na competição. O calendário de jogos é frequentemente reorganizado pela Federação Paraense de Futebol (FPF), o que compromete a organização e andamento do campeonato.

Os adiamentos e imprevistos já eram destacados pelo Diário do Pará em 1984, ao informar as datas e adiamentos sob a justificativa de que o gramado dos estádios onde as mulheres jogariam precisava ser preservado pois receberiam outras partidas. Os leitores não tiveram acesso a uma tabela de jogos com informações mais detalhadas sobre datas, pontos conquistados, classificação, número de vitórias, empates, derrotas e gols.

16 "Remo aparece à frente do Paysandu em pesquisa de maiores torcidas do Norte; Flamengo é líder". Disponível em: <<https://www.oliberal.com/esportes/remo/remo-aparece-a-frente-do-paysandu-em-pesquisa-de-maiores-torcidas-do-norte-flamengo-e-lider-1.720096>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

17 Disponível em: <<https://ge.globo.com/pa/futebol/noticia/2022/10/16/parazao-feminino-remo-vence-uniao-paraense-por-7-a-0-e-o-pinheirense-faz-14-a-0-no-vila-rica.ghhtml>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

Atualmente, a maioria dos adiamentos ocorrem antes do campeonato iniciar devido a desistência de equipes com dificuldades financeiras e estruturais para se manterem na competição – problemas que são mencionados pela cobertura esportiva, mas que não entram em pauta de forma mais enfática.

Em 2022, a cobertura esportiva se atentou aos adiamentos e desistências, porém de forma desencontrada. Em agosto, o GE Pará pontuou que 14 times¹⁸ participariam do campeonato, mas em setembro informou que apenas 10 clubes¹⁹ estariam da competição. No mesmo mês, o site O Liberal divulgou²⁰ que 12 equipes disputariam o Parazão Feminino. A única explicação apresentada pela cobertura foi um comunicado do então presidente da FPF, Ricardo Gluck Paul, de que muitos clubes solicitaram alteração do calendário do torneio por apresentarem dificuldade financeira para inscrição de atletas, e que por esse motivo os ajustes²¹ na competição foram necessários. No entanto, não se sabe a quais clubes o presidente da FPF se refere além do Atlético Barbarense e do União Barbarense, times desistentes da competição.

Outro problema grave na cobertura esportiva é a ausência de matérias que abordem de maneira mais precisa os problemas estruturais e financeiros que o futebol feminino enfrenta no Pará, como a ausência e/ou baixa remuneração de atletas e demais profissionais de equipe técnica. Não é de conhecimento público a folha salarial de cada equipe feminina e nem qual o suporte estrutural é disponibilizado às jogadoras pelos clubes enquanto contratantes e provedores de espaços para treinos, jogos e hospedagens, e pela FPF enquanto entidade responsável pela organização e manutenção da competição.

Em 1984 o Diário do Pará já apontava que o futebol feminino sobrevivia com dificuldades, sem o apoio de clubes e da FPF. Como resultado, alguns abnegados que se dedicavam à modalidade sob a espera de ajuda optavam por desistir. O jornal ressaltou que o futebol feminino era uma lástima devido as dificuldades enfrentadas pelas atletas, como a falta de apoio, uso de material do juvenil, bolas ovais, chuteiras de terceiros, poucos uniformes e ausência de água para tomar banho.

As diversas lacunas deixadas pelo jornalismo em relação ao futebol feminino comprometem o conhecimento acerca da modalidade, da participação das mulheres no esporte e sua condição social no Pará. Poucas vezes as mulheres aparecem como sujeito principal na cobertura do Parazão Feminino.

No mais, não é comum a realização de entrevistas coletivas de forma regular para que atletas, dirigentes e equipe técnica possam explanar ao público como os times estão sendo montados e preparados, e qual é o cotidiano, rendimento e expectativas no campeonato. Durante todo o período de pesquisa, apenas uma entrevista coletiva foi realizada com a jogadora Silmara e com a técnica Aline Costa, ambas do Paysandu, para relatarem o racismo sofrido pela atleta.

18 Disponível em: <<https://ge.globo.com/pa/futebol/noticia/2022/08/30/com-grupo-da-morte-campeonato-paraense-feminino-2022-tera-14-equipes-na-disputa.ghtml>>. Acesso em 10 de janeiro de 2023.

19 Disponível em: <<https://ge.globo.com/pa/futebol/noticia/2022/09/20/remo-e-paysandu-se-preparam-para-a-disputa-do-campeonato-paraense-feminino-2022.ghtml>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

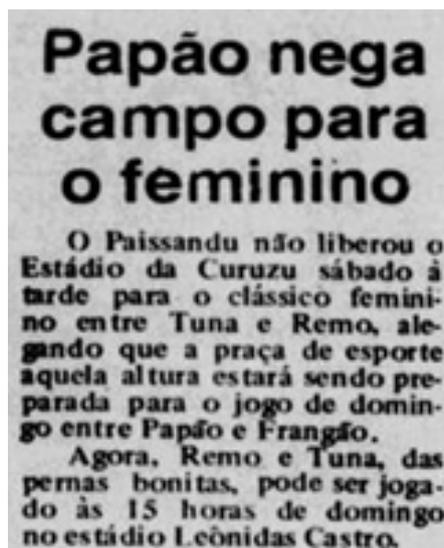
20 Disponível em: <<https://www.oliberal.com/esportes/futebol/doi-clubes-desistem-da-disputa-e-parazao-feminino-tem-nova-data-para-jogos-da-1-rodada-veja-1.592387>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

21 Após os ajustes devido a desistências das equipes União Barbarense e Atlético Barbarense, o Parazão Feminino contou com 12 times na disputa, separados em três grupos: Águia de Marabá, Cabanos, Castelo dos Sonhos, Esmac, Itupiranga, Paysandu, Pinheirense, Remo, Terra Alta, Tiradentes, União Paraense e Vila Rica.

Futebol de mulheres, preconceitos e violências

No futebol, as imagens divulgadas pela imprensa devem ser sempre observadas com um forte senso crítico. Grande parte das matérias encontradas foram ilustradas com fotografias, charge e a disponibilidade de links de transmissão de jogos em canais dos clubes, já que o campeonato feminino paraense não é transmitido²² pela TV aberta. Mais que as imagens de ilustração, é necessário refletir acerca da imagem social da mulher no futebol.

Imagem 4: Diário do Pará se refere ao futebol feminino como ‘pernas bonitas’



Fonte: Diário do Pará, 1984.

Mais do que narrativas misóginas, o futebol feminino é alvo de homofobia pois existe um forte preconceito direcionado às mulheres no futebol no que tange a orientação sexual. Muitos casos de relação homoafetiva no futebol repercutem na sociedade, haja vista que a sociedade brasileira é homofóbica.

Poucas vezes o futebol feminino estampou as capas ou tornou-se destaque em manchetes nas edições do Diário do Pará. Entretanto, chama atenção que o relacionamento entre duas atletas paraenses foi pautado, tornando-se assunto de matéria ilustrada com charge e informações referentes à cerimônia de casamento e à lua de mel das jogadoras.

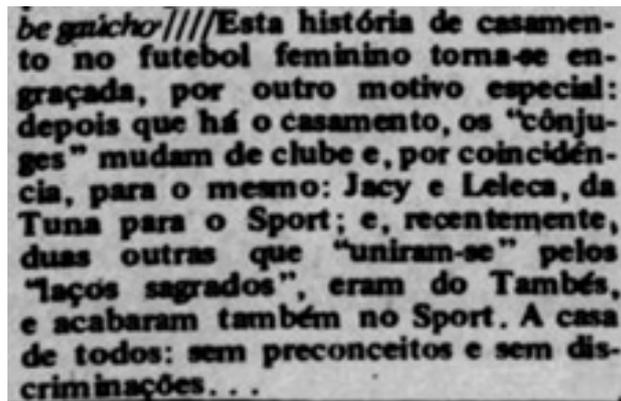
Imagem 5: Manchete destacando o casamento entre duas jogadoras paraenses.



Fonte: Diário do Pará, 1984.

22 Em 2023, apenas o jogo da final do Parazão Feminino, disputado por Remo e Paysandu, foi transmitido pela TV aberta, especificamente pela TV Cultural.

Imagem 6: Trecho da coluna escrita por Sérgio Noronha, fazendo referência ao casamento entre as jogadoras Jacy e Leleca.



Fonte: Diário do Pará, 1984.

A normatividade heterossexual que circunda o futebol fez com que a homofobia se tornasse frequente e normalizada, naturalizada e comum no ambiente futebolístico, até mesmo como algo elementar no futebol, atingindo mulheres e homens que não seguem o que a normatividade busca impor, e que as enfrentam para que o futebol e toda a sociedade se tornem mais acolhedores.

Além da homofobia, práticas de racismo vem ganhando atenção na mídia. Durante o Parazão Feminino em 2022, a atleta Silmara, do Paysandu, denunciou ataques racistas após ouvir a frase "Essa 9, essa macaca, nem faz gol" durante o clássico Remo x Paysandu, realizado na sétima rodada do campeonato. O caso e a denúncia da atleta foram pautados em matérias que trouxeram as notas de repúdio divulgadas pela FPF e pelo Clube do Remo – que afirmou que uma de suas atletas também sofreu injúrias.

O GE Pará relatou o caso a partir do depoimento dado pela jogadora Silmara e pela técnica do Paysandu, Aline Costa, em uma entrevista coletiva realizada um dia após o caso e as falas de Aline Costa lamentando o questionamento irônico de um torcedor sobre a existência do futebol feminino.

Considerações Finais

O futebol feminino no Pará é uma modalidade vasta, ainda depreciada por não ter muito alcance de público, logo, por não fazer render o capital que os clubes, grandes empresas e a comunicação hegemônica anseiam. As comparações entre futebol feminino e masculino são inúmeras.

Aqui buscamos refletir acerca das interações sociais ocasionadas pela cobertura esportiva a respeito do futebol feminino pois a comunicação hegemônica auxilia no desenvolvimento e valorização da categoria. As narrativas trazidas pelo jornalismo, ao não abrir espaços para que atletas e profissionais de equipe técnica possam exercer o direito a palavra a fim de constituírem suas existências, tornam-se prejudiciais à modalidade, já que o futebol ainda é um espaço masculinizado.

Observando o Parazão Feminino na cobertura esportiva, é perceptível o quanto as pautas giram em torno não das mulheres, do futebol de mulheres, mas sim de clubes, principalmente Remo e Paysandu que, seguindo a lógica de mercado, são os mais rentáveis por possuírem maiores torcidas. A forma como a imprensa esportiva aborda o futebol feminino e o apresenta é singelo, raso, sem ainda colocar na centralidade de seu conteúdo o sujeito principal da categoria: as mulheres.

O futebol feminino no Pará ainda enfrenta a precariedade de estruturas, pouco auxílio financeiro, investimentos e ausência de transmissão de jogos, etc. A comunicação esportiva que deveria cumprir um papel mais socializador, abrangente e democrático, torna-se motivo de inquietações por parte de quem vê o quanto o jornalismo precisa evoluir, ser mais inclusivo, fomentando reflexões mais abrangentes e não omissos e superficial. Se faz necessário apresentar o futebol feminino como um esporte que merece reconhecimento e valorização, e acima de tudo mulheres que lutam para serem reconhecidas pelo seu rendimento e não para se mostrarem superior a gênero algum.

Referências

- BARDÍN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70, LTDA: Lisboa/Portugal, 1977.
- CHRISTOFOLETII, Danilo. **A midiaticização do futebol brasileiro: um estudo comparativo entre o Museu do Futebol e o Memória Globo**. Campinas: PUC Campinas, 2017.
- FERRAZ, Rafael. **Futebol e comunicação, um processo de consumo chamado paixão**. *Ornigacom*, v. 8, n. 15, p.107-123. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/139109>>. Acesso em: 29/02/2024.
- GASTALDO, Édison. **Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica**. *Cadernos IHU ideias*. Ano 3, nº 43, 2005.
- GOELLNER, Silvana. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. *Rev. bras. Educ. Fís. Esp.*, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.
- GOELLNER, Silvana. **As mulheres, o esporte e o direito de ser**. In: **Mulheres no Esporte. Edição Especial da Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2014.
- GOELLNER, Silvana. **Futebol de mulheres: histórias, memórias e desafios**. In: **Futebol de mulheres no Brasil: desafios para as políticas públicas**. – Curitiba, CRV: 2022.
- MAIA, Rousiley. **Identidades coletivas: negociando novos sentidos, politizando as diferenças**. *Contracampo*, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17312>>. Acesso em: 02 de março de 2023.
- MARQUES, José. **Esporte e os meios de comunicação no Brasil: vícios e virtudes de um matrimônio secular**. In: **O futebol nas Ciências Humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.
- MORAES, Carolina. **Futebol e relações de gênero: elas jogam no futebol misto ou no futebol de mulheres? In: Outro futebol é possível: o futebol de rua como prática de cidadania**. – São Paulo: Editora Dandara, 2023.
- MORAIS, Isabelly. **Guia do Campeonato Brasileiro Futebol A1 2021**. Disponível em: <https://issuu.com/isabellymoraes/docs/guia_do_brasileiro_feminino_a1_2021>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2024.
- RESENDE, Fernando. **O jornalismo e suas Narrativas: as brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro**. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 18, p.31-43. 2009.